

## 5 Considerações finais

*E escrevendo à luz débil me pergunto  
se é a morte ou a manhã que espero!*<sup>1</sup>

Carlos de Oliveira

Contextualizado e motivado pelo Neo-Realismo, o romance *Casa na duna* pode ser entendido como uma proposta definitiva de um gênero literário específico que se identificava com os princípios do materialismo dialético. Dessa forma, podemos afirmar que o romance está em conformidade com as orientações programáticas que, à luz das preocupações fundamentais do movimento, exigiam uma maior objetividade no tratamento dialético das transformações sócio-econômicas.

Ao pretender estabelecer uma interpretação da realidade social, política e econômica da sociedade portuguesa alienada e subjugada pelo Estado Novo, o romance *Casa na duna* indubitavelmente liga-se àquele momento em que a arte e a ação política se conjugam intimamente com o fim de impor um combate pela liberdade e pela transformação da sociedade.

Se o propósito foi alcançado, a Revolução de 74 parece ser o resultado mais concreto e definitivo. Mas antes destes mais de 30 anos que separam a primeira publicação do romance da Revolução, já se vislumbrava o despertar para um novo mundo por meio de uma nota do escritor na segunda edição do romance, em 1944, e que foi suprimida nas edições seguintes:

Este romance tem o seu caminho. Que o percorra pela mão daquele para quem o escrevi. Um camponês dos meus sítios disse-me, depois de o ler:  
A nossa vida é assim mesmo. Mas muitas vezes não pensamos nisso.  
Se um ano de trabalho teve a virtude de obrigar um gandarense a medir a sua condição, não posso me deixar de sentir pago.<sup>2</sup>

A solidariedade que o escritor exprimira em *Casa na duna* remete a uma visão otimista que teve como fim a emancipação dos oprimidos e espoliados dos

---

<sup>1</sup> OLIVEIRA, Carlos de. Poema 4 de “Coração”. Mãe Pobre. In: *Trabalho Poético*. Lisboa: Caminho, 1992, p.44.

<sup>2</sup> OLIVEIRA, Carlos de. *Casa na Duna*. 2.ed. Coimbra: Coimbra Editora, 1944.

meios de produção como uma visão decorrente de uma vivência em um universo de destruição. E é desse universo de destruição que se erige um sopro, que vem do pulsar da escrita de Carlos de Oliveira e que, certamente, contribuiu para a tremura de um alvor.